

A IMPRENSA COMO ESPAÇO POLÍTICO DE SOCIABILIDADE: OS PERIÓDICOS E AS ESTRATÉGIAS ORGANIZATIVAS DOS TRABALHADORES ANARQUISTAS NO RIO DE JANEIRO (1870-1920)

Eduardo Carracelas Lamela¹
Universidade Federal Fluminense
<https://orcid.org/0000-0002-4039-6076>

Não vos rebelleis nunca. Resignai-vos. Não sejais anarquistas. O único recurso é chorar. Chorai! Chorai! pobres operários; desgraçada classe desprotegida da sorte! Dia virá em que as vossas lágrimas – assim como as últimas enchentes alagaram as vossas choupanas – invadirão também os bondosos corações dos vossos queridos e beneméritos patrões! Nada de greve! Chorai! Chorai!

*Jornal Novo Rumo*²

A HISTORIOGRAFIA DO ANARQUISMO NO BRASIL: UMA PROBLEMATIZAÇÃO

Em escala global, ou pelo menos no que se conhece por mundo ocidental, o anarquismo enquanto ideologia presente nos movimentos sociais e organizativa da classe trabalhadora no longo prazo, como fenômeno histórico, é produto das sociedades modernas em vias de industrialização. Com significativo papel, cabe dizer, nas revoluções anticoloniais por conta dos contatos estabelecidos entre militantes de diferentes regiões (Anderson, 2014: 20-21), prática condizente com o conceito normativo de internacionalismo oriundo do próprio movimento operário.

Desenvolve-se, assim como os outros movimentos fundamentados em ideologias políticas que almejam uma mudança social, como o socialismo centralista ou a social-democracia, em diferentes regiões a partir da segunda metade do século XIX, especialmente nas cidades, mas também no mundo rural, concomitantemente com as transformações surgidas das contradições de classes experimentadas no mundo do trabalho sob o sistema capitalista. É processo, social e histórico, que envolve acúmulos, tal qual a própria formação gradual da classe trabalhadora e de sua autoconsciência, que ocorre efetivamente nas relações humanas como propõe Thompson (1997: 12), e portanto, um fenômeno da era industrial moderna como afirma Hobsbawm (2008: 36).

Por considerar o anarquismo tanto uma ideologia de transformação social quanto um movimento derivado da própria autoformação da classe trabalhadora, é possível analisá-lo mobilizando os estudos produzidos sobre esta, sem entretanto concordar com as perspectivas etapistas para o período que pretendem subvalorar de forma teleológica as experiências anarquistas, classificando-as como pré-políticas, ingênuas, ineficazes e românticas. Ou ainda, aceitar acriticamente aspectos da colonialidade do saber, como as primazias cronológicas que fazem parte daquilo que Trouillot define como «universais norte-atlânticos» (Trouillot, 2011: 81) e diz respeito as experiências históricas particulares do Atlântico Norte, sempre tratadas como sugestivas ou prescritivas para o mundo colonial, que por isso adquiriram certo grau de universalidade.

Acerca das ressalvas acima, problematizam-se as crenças, valores e imagens veiculadas pelos opositores políticos do movimento anarquista, para propor, em contraponto, compreender o desenvolvimento da ideologia entre os trabalhadores da capital a partir de suas próprias leituras, reflexões e práticas libertárias orientadas a nível local para a almejada mudança social, é dizer, a apropriação e ressignificação das ideias anarquistas, que se refletem em acúmulos e legados históricos da luta classista regional.

¹ Doutorando (2018) pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF), Rio de Janeiro - Brasil; CV: <http://lattes.cnpq.br/0833447929882247>

² *Novo Rumo*, 5 de abril de 1906. «Os Inquéritos da Imprensa Burguesa nas Oficinas e Fábricas», reproduzido por: Pinheiro e Hall (1981: 43-46).

A proposta é pensar a formação do movimento operário carioca, e o desenvolvimento do anarquismo enquanto ideologia surgida no interior do próprio movimento, a partir das considerações de Thompson: uma construção histórica ativa afetada pelas tradições locais de luta e resistência. Traçando uma analogia, em nosso caso, segundo a historiografia que se apropria da argumentação da planta exótica, a «hora determinada» a que se refere o autor seria o desembarque nos portos dos estrangeiros, especialmente durante o seu maior número, a década de 1890. Exatamente por isso é comum nas referidas análises identificar o surgimento do movimento operário brasileiro pontualmente a partir da proclamação da República, são estudos que ao se concentrarem nesse período desconsideram, em alguns casos explicitamente, as formas associativas ou de resistência, os acúmulos, anteriores.

Conjectura-se para o anarquismo no Rio de Janeiro, enquanto cultura política em formação, que a imprensa periódica como espaço de sociabilidade foi fundamental para a circularidade das ideias, representando um vetor de disseminação, mas também da própria construção das ideias libertárias, já na segunda metade do século XIX. Considerando que os textos podem ser lidos, interpretados, traduzidos, ressignificados, apresentados e discutidos em sessões coletivas para aqueles que não sabiam ler, por exemplo, é possível verificar que ideias revolucionárias e informações sobre experiências organizativas dos trabalhadores já aqui circulavam desde pelo menos a chamada Primavera dos Povos, em 1848, e a Comuna de Paris, em 1871, temas presentes nas matérias publicadas nos jornais, muitas das quais oriundas das mensagens telegráficas internacionais ou das trocas de correspondências entre as redações das regiões ainda não conectadas pelos cabos telegráficos.

Sob os pontos de vista da história cultural e social, a ideia é refletir sobre como foi possível a construção no longo prazo de uma consistente cultura política de luta fundamentada pela ação direta no território vivido pelos trabalhadores cariocas, levando em conta que, embora o movimento organizado de trabalhadores sob o anarquismo só se verifica significativamente a partir do início do século XX, a circularidade do pensamento libertário se deu no período anterior. Tal circularidade, inclusive antes mesmo do aporte massivo de imigrantes na década de 1890, pode ter preparado o terreno no âmbito cultural do debate público das ideias para as chamadas lutas econômicas, ou essas específicas formas de atuação não institucionais, políticas em sentido amplo, autoinstituintes³ e revolucionárias.

A CIRCULARIDADE DAS IDEIAS ANARQUISTAS NA GRANDE IMPRENSA DO DISTRITO FEDERAL

O desenvolvimento histórico da imprensa periódica no Rio de Janeiro, em sua complexidade, traz à tona questões que são também significativas para o debate sobre a circularidade das ideias anarquistas, que não se dissocia das maneiras específicas como essas ideias são apropriadas, e/ou ressignificadas, na cidade.

Como propõe Morel, o surgimento da imprensa periódica no Brasil, ainda que tenha como marco fundador a instalação da tipografia da Imprensa Régia, com a chegada da corte portuguesa em 1808, não significou que antes disso não havia a circulação de informações, ou havia um «vazio cultural». O fato se deu «em meio a uma densa trama de relações e formas de transmissão já existentes, na qual a imprensa se inseria» (Morel, 2008: 25), ou seja, antes disso já se observavam livros e outros impressos circulando por aqui, incluindo textos de autores brasileiros produzidos por tipografias internacionais ou artesanais locais. Segundo o autor, verificam-se também jornais estrangeiros recebidos no Brasil ao menos desde o século XVIII.

O desenvolvimento do telégrafo também faz parte de uma série de transformações estruturais que atingem a cidade a partir da década de 1870. No âmbito internacional, do que hoje conhecemos por Continente Europeu, três agências principais cobriam e noticiavam os eventos, transmitindo por meio dos cabos telegráficos: a francesa Havas, fundada em 1835, a inglesa Reuters em 1851 e a prussiana Wolff em 1849. Do lado de cá do Atlântico, nos Estados Unidos, foi fundada em 1846 a Associated Press. O surgimento das agências de comunicação nesse período está relacionado com o próprio desenvolvimento da Imprensa e sua substancial ascensão se deu principalmente depois da instalação das redes telegráficas terrestres e submarinas. Para se ter uma ideia das dimensões, chegou-se em 1880 a 166 mil quilômetros, e em 1910 já seriam 520 mil. No Brasil, além das já existentes conexões locais, a pelo menos duas décadas, foi inaugurado em 1874 o cabo Lisboa-Recife, de iniciativa britânica, que era responsável de maneira geral pelas conexões entre América do Sul e Europa.

As comunicações observadas tanto na grande imprensa quanto na imprensa operária fornecem indícios da disseminação das ideias anarquistas na sociedade fluminense. Através dos

³ Cf. Castoriadis (2000).

valiosos esforços arquivísticos do «pesquisador instintivo»⁴ do Anarquismo no Brasil, Edgar Rodrigues (1921-2009), foi possível conhecer a existência de alguns jornais do Rio de Janeiro e Niterói, respectivamente *O Anarquista Fluminense* (1835) e *O Grito Anarquial* (1848), que já utilizavam o termo para fazer críticas aos segmentos políticos, ou seja, caracterizavam-se pela oposição e combate aos governantes da época. São feitas ainda menções aos seguintes jornais da cidade, com alguma tendência operária, republicana ou abolicionista: *O Periódico dos Pobres* (1850), *A Revolução Social* (1876), *O Pedreiro Livre* (1877), *O Proletário* (1878), *O Socialista* (1878), *O Trabalho* (1879), *O Nihilista* (1882-83), *O Amigo do Escravo* (1883) e *Federação Abolicionista* (1883) (Rodrigues, 1969: 56-63).

Como observa Samis: «não era obviamente o anarquismo ideológico das décadas seguintes, mas tal atitude indica a consolidação da ideia de anarquismo como crítica ao poder vigente» (Samis, 2004: 127).

O termo comunismo também passou a ser utilizado na imprensa, não em alusão as propostas centralistas dos seguidores de Karl Marx (1818-1883) no contexto da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), mas sim em referência à Comuna de Paris (1871), evento amplamente divulgado no cenário internacional, bem como nos periódicos da cidade.

As referências encontradas nas mensagens são inclusive da representativa figura feminina participante da Comuna, Louise Michel (1830-1905). Fatos como sua prisão, julgamento e deportação, além de aspectos de sua biografia e atuação, nos seus dizeres, na «revolução do povo», são descritos e comentados nos jornais. Do «Boletim de notícias da Europa», suplemento de domingo do *Jornal do Commercio*, em janeiro de 1872, eis um excerto transcrito do seu julgamento, onde ela recusa a atuação do advogado, defendendo a entrega «de corpo e alma à causa da revolução social»: «Não quero defender-me, nem tampouco que me defendam, compartilho todas as ideias dos meus irmãos da Comuna, e estou pronta a espionar como esses mártires todas as minhas convicções»⁵.

A Comuna de Paris foi amplamente debatida por aqui nos periódicos. A insurreição popular de 18 de março de 1871 instituiu o autogoverno de trabalhadores na capital da França, em resistência, também ao governo de Versalhes, diante da ameaça de ocupação do território, no contexto da guerra, pelo reino da Prússia. No Brasil, setores políticos conservadores chegaram a ficar preocupados com o possível desembarque dos *communards* no país, com referência ao tema nas tribunas parlamentares do Império. Entretanto, diferentemente de outros países da América Latina, onde de fato há registros dessa imigração, por aqui não se verifica embora «muitas imagens do levante popular permaneceram como testemunhos do impacto na vida política e intelectual do país» (Samis, 2004: 128).

Aspectos relevantes ao movimento operário internacional que também se encontravam em circularidade no espaço da imprensa são sobre as reuniões da AIT. Os trabalhadores que se reuniram em setembro de 1864, em Londres, para fundar tal associação «no intuito de estabelecer um centro de comunicação e de cooperação entre as Sociedades Operárias existentes em diferentes países», com o objetivo de alcançar «a proteção, o progresso e a completa libertação da classe operária», segundo consta na redação dos estatutos⁶, estavam cientes da importância para a mobilização de criar redes circulação de informações relacionadas ao movimento operário que ultrapassassem as fronteiras nacionais.

Enckell propõe que aqueles indivíduos então reunidos eram em sua maioria provenientes de anteriores «agrupamentos multicolores», é dizer, sociedades de resistência, de auxílio mútuo, propaganda, clubes, sindicatos e associações de ofício, onde foram justamente os processos de aprendizagem do sindicalismo e da política, em sentido amplo, ou seja, a solidariedade da ação revolucionária constituindo o cerne da ação política dos trabalhadores, que permitiram que o movimento encarnasse a forma de organização do proletariado moderno: «eles necessitavam trocar ideias e técnicas de resistência, não queriam mais fazer-se confiscar as revoluções pelos burgueses, como em 1830, como em 1848» (Enckell, 2004: 35).

A realização dos congressos anuais, os temas tratados, e até as disputas entre as correntes socialistas federalistas e centralistas, figuram nos jornais do Rio de Janeiro com referências as propostas de Bakunin e Marx no contexto da Primeira Internacional. É a partir dos congressos de Haia e de Saint-Imier, em 1872, que se delimitam as duas estratégias que vinham sendo discutidas

⁴ Edgar Rodrigues, pseudônimo de Antônio Francisco Corrêa, preferia essa denominação à de historiador, o que se configurava como uma crítica aos trabalhos historiográficos de sua geração, especialmente no que se referia aos estudos do Anarquismo no Brasil. Sobre os aspectos biográficos de sua trajetória enquanto memorialista do Anarquismo, cf. Adдор (2012).

⁵ *Jornal do Commercio*, 14 de janeiro de 1872.

⁶ [<https://www.marxists.org/portugues/marx/1871/10/24.htm>]

nos encontros: a da solidariedade da ação revolucionária entre trabalhadores ou a ação política tradicional.

As correspondências do exterior relacionadas aos encontros da AIT foram nessa época publicadas e republicadas com frequência na imprensa corporativa do Rio de Janeiro. As críticas apresentadas estavam acompanhadas muitas vezes da divulgação das estratégias dos Estados no contexto internacional para perseguir e vigiar as organizações de trabalhadores em flagrante ascensão. Uma nota publicada em 1871 no *Diário do Rio de Janeiro*, que tinha então sua tipografia na Rua do Ouvidor 97, intitulada «a associação internacional dos operários»⁷, descrevia como esses encontros continuavam a atrair as atenções dos estadistas.

Referiam-se a atitude de Gladstone que declarava no parlamento inglês «que o governo da Rainha Victória empregaria todos os meios para vigiar aqueles trabalhos», e também, nos Estados Unidos, onde «resolveu-se que seriam considerados fora da lei os membros de qualquer associação onde se discutissem e tratassem os princípios socialistas». O redator ao apresentar o que considerava como os «muito curiosos» pormenores da associação, com destaque para o número de seções federadas em diferentes países, acabava por contribuir com sua propaganda no cenário internacional. Dizia a reportagem:

O número de filiados na Inglaterra em 1869 ascendia a 95.000, divididos em 230 seções. Para que todos conheçam a organização dessa sociedade terrível, que ameaça lançar na desordem e na anarquia o mundo inteiro, vamos reunir as informações que se encontram nos estatutos e regulamento da associação, e nos escritos mais notáveis acerca do assunto. A organização da Internacional consta de congresso, parlamento universal da classe operária, que reúne cada ano, conselho geral, encarregado pelo congresso da direção superior da associação no intervalo de congresso; conselhos federais, comissões e seções. A reunião de muitas seções forma a federação. A associação conta hoje 7.000.000 de associados⁸.

E não foram apenas a expressividade do número de associados, a rigor superestimados, e as formas de organização descritas, aproveitou-se para compartilhar com os leitores que, num último encontro realizado em Bruxelas, a despeito das recentes resoluções dos governos, esta associação não afrouxava suas ações ao manifestar pública solidariedade aos participantes da Comuna de Paris, considerados «beneméritos de toda a humanidade»⁹.

Cerca de dois anos depois, diante da retomada dos encontros internacionalistas no contexto pós Comuna de Paris e Guerra Franco-Prussiana, a capa do mesmo *Diário do Rio de Janeiro*, em sua edição de domingo, iniciava com uma reportagem ocupando mais de meia página, sete colunas, trazendo informações sobre os dois congressos da Internacional que ocorreram de maneira simultânea em Genebra, Suíça. A coluna «Revista Estrangeira» continha informações transmitidas por um correspondente do Times, periódico inglês, retratando as recentes cisões no seio da AIT: «Os backounistas e os marxistas; dois congressos com os mesmos poderes»¹⁰.

Para que os leitores do *Diário* possam, antes de entrar em outros pormenores, saber quais os motivos que deram lugar a desunião entre os internacionalistas, passemos a transcrever o que a este respeito disse um outro correspondente, por ocasião de se reunir o primeiro congresso¹¹.

As polêmicas dos últimos encontros da associação em Haia e Nova York, as contendas entre Marx e Bakunin, e a própria realização de dois congressos gerais, serviram de mote para que os jornalistas explorassem os conflitos internos de modo a contribuir com o enfraquecimento da organização, que já vinha sofrendo ataques e perseguições políticas nos diferentes países onde haviam as seções, deslegitimando os temas debatidos. Tratando o assunto como um «espetáculo não menos divertido», em comparação ao recente «espetáculo principesco do enterro do duque de Brunswick», também em Genebra, afirma-se em tom de ironia «os internacionalistas, ocupados com a importante questão de saberem quem é o verdadeiro profeta, se é Karl Marx, se é Bakunin, em que menos pensam é na questão econômica e social»¹².

Sabe-se que os acontecimentos de 1886 em Chicago se tornaram internacionalmente conhecidos, mobilizando trabalhadores de diferentes regiões com bandeiras comuns de luta, como no caso das 8 horas de trabalho. Se atualmente, no século XXI, vive-se a época das mensagens instantaneamente transmitidas, notícias recebidas e enviadas praticamente em tempo real por

⁷ *Diário do Rio de Janeiro*, 26 de julho de 1871.

⁸ *Ibidem*.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ *Diário do Rio de Janeiro*, 12 de outubro de 1873.

¹¹ *Ibidem*.

¹² *Ibidem*.

meios digitais, pode-se de maneira equivocada pensar que na segunda metade do Século XIX as informações tardariam muito para circular, ou ainda, que é mais problemático, que as ideias só teriam como se disseminar no mundo colonial pelo contato físico com as pessoas que adinham da metrópole.

A instalação dos cabos telegráficos internacionais e/ou as redes de trocas de correspondências entre as redações por meio dos correios nacionais e transatlânticos permitiram que no Rio de Janeiro se conhecessem os acontecimentos de Chicago cerca de 10 dias após o fato.

O periódico uruguaio *El Siglo* recebeu em 6 de maio, dois dias depois da manifestação, informações transmitidas por telégrafo da cidade de Chicago. Portanto, o *Gazeta de Notícias* em 15 de maio de 1886, um sábado, trazia já na primeira coluna de sua capa, na sessão de telegramas, transcrições das mensagens enviadas ao dito jornal de Montevideu, com destaque para um texto em tom comemorativo das prisões dos revoltosos, analisada ainda comparativamente aos distúrbios da Comuna de Paris¹³.

Os telégrafos transcritos na mesma coluna tinham também por origem a cidade de Londres, no Reino Unido. Interessante é observar o circuito dessa informação: de Chicago chega em Londres, que transmite pra Montevideu e é publicado no Rio de Janeiro, nesse curto período de tempo. Assim como na mensagem anterior, ficam explícitos o viés de classe e os interesses burgueses que ao mesmo tempo condenam as manifestações, parabenizam as autoridades que reprimiram e ainda pretendem tranquilizar os capitalistas que mercam na bolsa com a informação que as transações comerciais seguem em funcionamento, tratando com menosprezo as vidas dos trabalhadores:

Londres, 7. Diz a Pall Mall Gazette, referindo-se às revoltas anarquistas de Chicago, que a Europa é a mais responsável por esses distúrbios, por causa do seu sistema de exportar desvalidos para os Estados Unidos. A Saint James Gazette aprova a prontidão que tiveram os americanos em discutir praticamente o socialismo, a ponta de baioneta e a tiro de bala¹⁴.

A despeito das dificuldades de acesso a leitura naquele momento, é ingênuo supor que os trabalhadores se encontravam alheios às representações construídas sobre eles, ou elas, pela burguesia, e também pelas instituições do Estado, no contexto internacional. Principalmente porque tais representações contribuíram para a justificação das perseguições políticas através dos aparatos repressivos que se desenvolviam à época com o objetivo de tentar conter o movimento operário em ascensão nas cidades. Que, contra os quais, ofereceu organizada e autodeterminada resistência.

AS FOLHAS OPERÁRIAS E A CONSTITUIÇÃO DE GRUPOS DE PROPAGANDA E RESISTÊNCIA

Peruscrutar os indícios de uma cultura libertária de luta, decifrar as graduais transformações nas visões de mundo dos grupos, como tentativa de mapear a disseminação do pensamento anarquista entre os trabalhadores organizados no Rio de Janeiro é uma tarefa que, a despeito do reduzido número de fontes, pode resultar em êxitos caso se investiguem as especificidades e nuances dos textos que figuram nas folhas impressas circulantes no meio operário, aquelas com objetivos de informação, denúncia, militância, propaganda e resistência.

Além dos periódicos referenciados acima, listados por Edgar Rodrigues, editados desde a segunda metade do século XIX no Rio de Janeiro, com alguma referência ao Anarquismo, ainda que apenas como consolidação de uma crítica geral em curso contra os poderes vigentes, o autor afirma que os pioneiros jornais afirmadamente anarco-comunistas publicados no Rio de Janeiro foram o intitulado *O Despertar*, sob a direção do operário chapeleiro José Sarmento Marques, funcionando entre outubro e dezembro de 1898; e *O Protesto*, lançado em setembro de 1899, sob a direção de J. Mota Assunção (Rodrigues, 2010: 22).

No segundo número de *O Protesto*, de 8 de novembro de 1899, fica evidente a estratégia autogestionária da publicação, não comercial e militante, e aí a afirmação logo abaixo do título «sai quando pode» é significativa das dificuldades de tal empresa, que contava e dependia da colaboração de outros companheiros da «imprensa comunista anárquica». Nesta edição, solicitavam-se o envio de folhetos, publicações e outros materiais de informação e propaganda «para podermos estar ao corrente do movimento operário internacional». O jornal se definia como «Periódico Comunista-Livre» (Oliveira, 2017: 63-64).

¹³ *Gazeta de Notícias*, 15 de maio de 1886.

¹⁴ *Ibidem*.

Ambos jornais do final do século XIX reuniam tanto trabalhadores nacionais quanto estrangeiros em sua redação. A constituição de grupos de propaganda fez parte da estratégia anarquista de ação direta, onde as produções de periódicos foram também acompanhadas da criação de companhias de teatro, bandas musicais e obras literárias de cunho social, além dos espaços educacionais direcionados aos trabalhadores. O estabelecimento de uma contracultura libertária e autogestionária, fundamentada pela conscientização através de um viés classista, foi debatido e comunicado por meio dos espaços operários da cidade.

O texto que figura como epígrafe é a irônica conclusão em tom de denúncia, de uma reportagem sobre o que se passava nas fábricas da cidade, também como resposta a parcial cobertura dos «jornalistas de profissão» da grande imprensa, publicada em 5 de abril de 1906, num outro jornal organizado por trabalhadores intitulado *Novo Rumo*.

Segundo Edgar Rodrigues (1969: 274-275), o periódico fora editado por anarquistas do Rio de Janeiro com intuito de militância num primeiro momento entre 1905-1906, sendo interrompida a sua publicação após o grupo sofrer com dificuldades de ordem econômica, até o primeiro de maio de 1910, quando, acompanhando as efemérides do dia do trabalhador, em referência aos «Mártires de Chicago», volta a ser rodado com o mesmo título mas com novos integrantes em sua redação, funcionando então em um novo espaço à rua Uruguaiana, nº 123. Descreve Sodré, que o referido jornal foi fundado por Pausílipo da Fonseca (1879-1934), «que conciliava sua atividade como redator político do *Correio da Manhã* e a direção do semanário anarquista *Novo Rumo*» (Sodré, 1999: 312).

É comum em parte da historiografia relacionada ao mundo do trabalho delimitar como marco fundador do movimento operário brasileiro, ou da estratégia sindicalista revolucionária, a realização daquele congresso inaugurado em 15 de abril no salão principal do Centro Galego do Rio de Janeiro e concluído com solenidades de classe sob as notas da *Internacional* no Teatro Lucinda em 22 de abril de 1906.

O imenso salão do Centro foi «gentilmente cedido»¹⁵ pela sua diretoria ao operariado, não havendo registro da participação significativa de galegos membros na preparação ou organização do congresso. Apenas é verificada a presença do contramestre Fernando Bondad, sem muita expressividade nos debates como consta nos registros e atas das reuniões, e que por pouco não abandona a reunião diante da resolução aprovada sobre a não admissão de operários que exerçam cargos de mando pelas associações de trabalhadores¹⁶.

Segundo Sarmiento, alguns sócios do Centro Galego, os poucos trabalhadores diante da maioria de pequenos comerciantes e empresários, foram mesmo expulsos por serem considerados ou apresentarem perspectivas ideológicas anárquicas. Sobre Bondad, considerado um sócio bastante ativo no Centro, registra-se que ele «defendia a liberdade política dos sócios, ainda que estes fossem considerados anarquistas e frequentassem todas as reuniões de associações de trabalhadores e sindicatos» (Sarmiento, 2006: 398).

De fato, o momento é importante pois, a partir daí, em nível de organização autônoma federativa no país, com conexões inter-regionais, interestaduais e até internacionais, que pode ser demonstrado pela própria presença dos delegados de diferentes localidades representando as associações participantes, bem como pelos temas em discussões, as respectivas conclusões aprovadas e os registros, inclusive com ilustrações, na imprensa periódica, é que são desenvolvidos valiosos legados de classe.

Contudo, a realização desse congresso deve ser entendida a partir do próprio ascenso do movimento operário, que não deixa de estar relacionado com os acúmulos das anteriores lutas políticas autônomas, empreendidas em experiências de ação direta. E no caso do Rio de Janeiro, são fundamentais as contribuições das tradições de lutas do movimento negro no século XIX, os aportes organizativos dos trabalhadores livres na ordem escravocrata, bem como as práticas de mobilização, resistência e apoio mútuo coletivos levadas a cabo na capital. As trabalhadoras e trabalhadores negros irão compor em expressiva quantidade a classe operária carioca e, portanto, também caracterizam a específica formação do Anarquismo enquanto movimento social, mas também político não institucional, na cidade. O desafio da historiografia é aproximar os estudos referentes ao sistema escravista, ao pós-abolição, das análises sobre a formação do movimento operário brasileiro.

São variadas no período as publicações de denúncia como estratégia de resistência das associações de trabalhadores, como essa publicada no *Novo Rumo*. Os jornais e, mais especificamente, os boletins informativos das associações de classe são utilizados pelos operários

¹⁵ *Correio da Manhã*, 16 de abril de 1906.

¹⁶ *Gazeta de Notícias*, 18 de abril de 1906.

como mais um espaço de sociabilidade, pois nestes aconteciam debates de ideias, a apresentação de demandas dos diferentes ofícios, são compartilhadas as agendas de lutas, as lembranças sobre as efemérides da classe, as resoluções aprovadas em reuniões, além da distribuição, resenhas sobre novos títulos e venda de livros. É comum ainda que as notícias presentes nos boletins informativos fossem republicadas em outros periódicos, não apenas operários e anarquistas, mas também da grande imprensa, que é pelos próprios trabalhadores classificada à época de burguesa.

Como sugere Oliveira, estavam presentes na estratégia comunicativa dos libertários, orientando esse tipo de produção propagandista referente ao jornalismo impresso, também a ação direta e a autogestão. Na imprensa operária em geral e na anarquista em particular, o próprio operário letrado se tornava o repórter dos seus jornais, orientados para a militância política *lato senso*, participando dos diferentes processos que envolvem a prática comunicativa: redação, edição, distribuição, tradução, ilustrações, fotografias e etc. Enquanto instrumento de mobilização pela informação, destacam-se as opções editoriais das folhas anarquistas, onde o caráter da notícia era distinto do estabelecido pela imprensa burguesa com fins comerciais: «a colaboração de leitores e militantes vai ser um traço fundamental» (Oliveira, 2017: 65).

Lançado em 1908 como órgão da Confederação Operária Brasileira (COB), *A Voz do Trabalhador*, surge com objetivo de militância e organização política a partir da estratégia comunicativa aprovada pelos trabalhadores nas resoluções do Primeiro Congresso Operário Brasileiro, dois anos antes. Anunciava-se em seu primeiro número que a publicação periódica em princípio quinzenal, cujo programa havia sido elaborado no Congresso Operário, seria «órgão de uma coletividade formada com a intenção de agremiar e reunir as associações que tenham uma orientação nitidamente revolucionária»¹⁷.

São divulgados no jornal informações como as datas e horas das reuniões das associações com sede na Federação Operária do Rio de Janeiro, a Rua do Hospício, 156. Os encontros das administrações dos sapateiros, pintores, tecelões, canteiros, marmoristas, padeiros, ladrilheiros, carpinteiros, pedreiros, chapeleiros e ofícios vários. Temas também presentes são as condições de exploração do trabalho nas fábricas, os acidentes de trabalho, as repressões da polícia, as categorias em greve e, sobretudo, afirma-se a campanha pela conquista das 8 horas máximas de trabalho para todos, considerada como «necessidade imediata». Os objetivos e os anseios do jornal foram no lançamento da seguinte maneira apresentados:

TRABALHADORES!

A Voz do Trabalhador será o baluarte defensor das reivindicações proletárias, o eco dos clamores dos que sofrem as consequências duma organização social baseada na desigualdade e na injustiça.

A Voz do Trabalhador denunciará ao público as infâmias cometidas nas fábricas e oficinas onde se exerce a mais inumana exploração sobre mulheres e crianças.

A Voz do Trabalhador combaterá sem trêgua nem descanso as injustiças e vexações de que somos vítimas, todas as tiranias que sofremos da parte da classe capitalista, para quem o lucro e a sede de ouro está acima de tudo¹⁸.

Na década seguinte, durante o ano de 1917, quente no que se refere às manifestações sociais, instabilidades políticas e econômicas, o Distrito Federal concentrou um número considerável de protestos, greves e comícios de trabalhadores. É sintomática a ampliação do número de sindicatos filiados à Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ), que desde o congresso de 1906, adotara a estratégia do Sindicalismo Revolucionário: de cinco no início do ano, já são onze no segundo semestre.

Uma das questões centrais para o período que se estende até 1920, é a associação de diversas entidades sindicais que, desta forma, tornaram-se mais fortes e representativas. A própria reação do Governo com o fechamento em agosto, pela polícia, do Centro Cosmopolita e da FORJ, acusados de serem os locais de incitamento às greves e protestos, ilustra como estavam preocupados os setores dominantes com os sucessos dos trabalhadores. Segundo Addor, ainda assim, a principal consequência destas manifestações é o próprio fortalecimento das organizações operárias. O recente exemplo revolucionário russo, «com seus conselhos de operários e soldados, estimulava a imaginação dos militantes libertários no Brasil, que sonhavam com a formação do *Soviete do Rio*» (Addor, 2015: 126).

Realizar também a revolução social era sobretudo o objetivo dos anarquistas organizados no ano de 1918 na cidade¹⁹. Em janeiro, militantes se mobilizam para constituir a Aliança

¹⁷ *A Voz do Trabalhador*, 1 de julho de 1908.

¹⁸ *A Voz do Trabalhador*, 1 de julho de 1908.

¹⁹ Sobre a tentativa insurrecional de 18 de novembro, Cf. Addor (2015).

Anarquista do Rio de Janeiro, com o objetivo de divulgar as ideias libertárias, inclusive para aqueles que não faziam parte de organizações sindicais. A criação de um boletim informativo pela associação auxiliaria na propagação local das ideias, o primeiro número publicado na imprensa é elucidativo:

A Aliança Anarquista não é propriamente uma agrupação no sentido restrito das agrupações libertárias: é antes um órgão de união, de entendimento, de aliança entre todos os anarquistas do Rio de Janeiro formados em grupo ou não. O seu fim é congregar esforços na propaganda geral e básica da anarquia sempre que isso se tornar oportuno e necessário²⁰.

Destaca-se a produção documentária do boletim que se configura pelo tratamento das questões relacionadas ao movimento operário, em ebulição tanto local quanto internacionalmente, visando comunicar os pontos de vistas dos anarquistas. Como exemplo o tema da entrada do Brasil na guerra, diante das convicções antimilitaristas: «Estamparemos, aqui, os documentos comprovatórios da atitude dos anarquistas do Brasil à entrada deste país para a matança». Outros documentos publicados e discutidos no boletim são aqueles referentes a Revolução russa: «telegramas, artigos, notas, impressões, todo e qualquer material nos servirá», sempre verificando, enfatizado pelos redatores, quando possível, «a idoneidade» de cada documento²¹.

Toda correspondência para a Aliança deveria ser enviada para a Caixa Postal 1936, Rio de Janeiro. A utilização de caixa postal para comunicação revela uma estratégia comum à época de segurança pelas organizações de trabalhadores, onde era possível receber por aí também os valores das subscrições e outros auxílios aos movimentos, sem a necessidade da presença física do destinatário que, sendo trabalhador, muito provavelmente, haja vista a longa jornada de trabalho, também não estaria em casa em horário comercial.

Enfatizando o caráter autogestionário da produção, segundo os editores, aqueles que desejassem receber os «pacotes», era necessário apenas informar o número de exemplares por escrito:

É distribuído gratuitamente pelo Brasil inteiro, pelas associações operárias, libertárias, científicas, literárias, pela imprensa diária e periódica, bem como a quantos nos pedirem, bastando para isso a simples comunicação do endereço²².

Fato curioso é a informação sobre as correspondências serem enviadas especificamente para essa caixa postal, pois a mesma já esteve a cargo, antes disso em 1915, da redação de outro jornal anarquista da cidade, Na Barricada e, posteriormente em 1919, do também anarquista Spartacus. Segundo informações sobre a História dos Correios no Brasil, disponível no sítio da empresa pública, o serviço foi criado no Rio de Janeiro em 1801. Por volta de 1866, uma agência postal foi estabelecida na sede da Diretoria Geral dos Correios, na antiga Rua Direita, 52 e atual Primeiro de Março, 64, no centro da cidade. Atualmente as caixas postais compreendidas entre os números 1 a 2450 se encontram localizadas na Agência 1º de Março e, muito provavelmente, assim estão desde sua criação. Local de fácil acesso e proximidade das organizações e espaços operários na antiga capital, utilizado para a transmissão de informações e propaganda, além de recebimento de valores oriundos de subscrições e comercialização de brochuras.

UM ESPAÇO POLÍTICO DE SOCIABILIDADE OCUPADO PELAS TRABALHADORAS E TRABALHADORES

A imprensa periódica foi um importante espaço ocupado pelas trabalhadoras e trabalhadores organizados quando esta(e)s muito prontamente entenderam a necessidade de produzir uma contracomunicação para expor, debater e propor questões relacionadas aos valores operários, objetivando assim a ampliação da organização classista. Tanto nas colunas operárias dos jornais da grande imprensa, num primeiro momento, quanto, posteriormente, na construção das próprias folhas operárias, orientadas para a propaganda e a resistência.

Foi espaço utilizado para dar combate aos discursos enviesados por jornalistas comprometidos com o status quo dos grupos dominantes, para denunciar as prisões injustas e os assaltos aos espaços de sociabilidade operária. Para tornar público os infelizmente comuns assédios, físicos e morais, por mestres ou patrões às mulheres trabalhadoras, degradando ainda mais as já lastimáveis condições dessas nas fábricas.

As redações dos periódicos operários em muitas ocasiões funcionaram ainda como livrarias especializadas sobre a temática anarquista e operária, divulgando e comercializando «brochuras de propaganda», enviando-as aos interessados por correio.

²⁰ Boletim da Aliança Anarquista, fevereiro de 1918.

²¹ Ibidem.

²² Ibidem.

Refletindo sobre o fenômeno da cultura política, enquanto projeções para o futuro das expectativas vividas coletivamente, que não se dissociam das leituras compartilhadas do passado, Berstein considera a relevância da persistência durante o tempo dos valores internalizados pelos agentes políticos. Sugere ainda que, como fenômeno evolutivo, por serem inovadoras, essas respostas coletivas às crises sociais, que são históricas, levam tempo até serem aceitas e incorporadas na sociedade. Exemplificando com o caso do nascimento da ideia republicana e a sua efetiva implantação na sociedade, que tardou cerca de três quartos de século para se definir enquanto cultura política coerente (Berstein, 1998: 355-356).

No caso do Anarquismo, o que se verifica é que as ideias revolucionárias já figuram nos jornais da grande imprensa no Rio de Janeiro, concomitantemente com o seu surgimento no plano internacional, desde a segunda metade do Século XIX. E, no início do século XX, o que se observa são as ideias de fato apropriadas pelos trabalhadores cariocas coletivamente organizados.

Questão pertinente para não delimitar o estudo do anarquismo apenas no período da Primeira República é problematizar que a luta contra o autoritarismo, permeada dos princípios de apoio mútuo e da ação direta, é, com os matizes das diferentes regiões em que ela se desenvolve como fato histórico, anterior ao aparecimento da tradição do anarquismo no campo socialista. Onde portanto, essa tradição vai se desenvolver também a partir dos acúmulos das lutas sociais locais, cujas raízes já figuram pelo menos desde o período colonial, com as insurreições, as organizações camponesas, as lutas independentistas e a formação dos quilombos.

Como demonstrado acima, as ideias socialistas já estavam presentes no Rio de Janeiro, décadas antes do aporte massivo de imigrantes, concomitantemente com o próprio desenvolvimento das mesmas ideias no plano internacional, onde de fato são relevantes as transmissões de notícias e correspondências sobre informações relacionadas ao movimento operário. Cabe lembrar que a preocupação com a livre propaganda figurou inclusive nos estatutos da AIT.

Se por um lado a circularidade das informações sobre as organizações operárias em surgimento e o conhecimento das respectivas propostas revolucionárias durante o período em que e socialismo tomava forma, pelo menos no que se considera como mundo ocidental, foram possíveis pelo trânsito de migrantes, expatriados ou refugiados, entre as nações, considera-se da mesma maneira fundamental outro aspecto nem sempre levado em conta nos estudos sobre o mundo colonial.

Desenvolvido no próprio seio do movimento operário de ambição internacionalista, a estratégia comunicativa de persuasão, manifestada pela criação em ação direta dos grupos de propaganda anarquista pelos operários, constitui o outro pilar fundamental para compreender o processo de circularidade das ideias.

Com as diferenças regionais de cada processo, os espaços de sociabilidade, com características formativas e de propaganda, são invariável e simultaneamente lugares de produção e mediação das ideias, onde não é possível, a partir do conceito de circularidade, conceber formas receptivas hierárquicas nas construções locais das ideologias.

Assim, é a resignificação pelos trabalhadores, sempre sob nuances e especificidades locais, ao mesmo tempo recepcionando e se apropriando das ideias, que compõe o processo de produção e caracteriza a construção autodeterminada do Anarquismo no Rio de Janeiro. Cabe ressaltar, que o Anarquismo se efetiva enquanto movimento, tornando-se uma cultura política relevante na cidade, quando obtém, e aí com especial vigor nas duas primeiras décadas do século XX, o seu principal vetor social, é dizer, o sindicalismo revolucionário. Fundamentado pelos conceitos complementares: resistência e propaganda.

REFERÊNCIAS

- ADDOR, Carlos Augusto: *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Rizoma, 2015.
- ADDOR, Carlos Augusto: *Um homem vale um homem: memória, história e anarquismo na obra de Edgar Rodrigues*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2012.
- ANDERSON, Benedict: *Sob três Bandeiras: Anarquismo e imaginação anticolonial*. Campinas: Editora da Unicamp; Fortaleza: Editora da UECE, 2014.
- BERSTEIN, Serge: «A cultura política». J.P. RIOUX; J.F. SIRINELLI (orgs.), *Para uma História cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.
- CASTORIADIS, Cornelius: *A instituição imaginária da sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- ENCKELL, Marianne: «A A.I.T. A aprendizagem do sindicalismo e da política». Eduardo COLOMBO (org.), *História do movimento operário revolucionário*. São Paulo: Imaginário; São Caetano do Sul: IMES, 2004.
- HOBSBAWM, Eric: *Mundos do trabalho*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

- MOREL, Marco: «Os primeiros passos da palavra impressa». Ana Luiza MARTINS; Tania Regina LUCA (orgs.), *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- OLIVEIRA, João Henrique de: *Libera... Amore Mio. Imprensa anarquista e comunicação contra-hegemônica em tempos de consenso neoliberal (1991-2011)*. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, 2017.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michael M.: *A classe operária no Brasil 1889-1930*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- RODRIGUES, Edgar: *História do Movimento Anarquista no Brasil*. Piracicaba: Ateneu Diego Giménez, 2010.
- RODRIGUES, Edgar: *Socialismo e sindicalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.
- SAMIS, Alexandre: «Pavilhão negro sobre pátria oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil». Eduardo COLOMBO (org.), *História do movimento operário revolucionário*. São Paulo: Imaginário; São Caetano do Sul: IMES, 2004.
- SARMIENTO, Érica: *Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)*. Tese de Doutorado. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2006.
- SODRÉ, Nelson Werneck: *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- THOMPSON, Edward P.: *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- TROUILLOT, Michel-Rolph: «Moderno de otro Modo. Lecciones caribeñas desde el lugar del salvaje», *Tabla Rasa* 14, 2011, pp. 79-97.